



As intermitências da memória no fluxo narrativo de *Alice e Ulisses*, romance de Ana Maria Machado.

Johny Paiva Freitas¹

Universidade Federal do Ceará-UFC

johnypf.ufc@gmail.com

A Literatura nos espreita pelas brechas da linguagem, ela se infiltra nas nossas experiências mais íntimas e coletivas, questiona a realidade empírica por meio de ambiguidades, metáforas e símbolos. No espaço da criação verbal, o tempo da narrativa literária se entrecruza com o tempo da narrativa histórica, ambas, em diálogo, possibilitam, a partir de aproximações e tensões, apreender o real e o irreal como componentes do tempo humano, do tempo sem relógio. Alinhando-se a esse pensamento, Beatriz Sarlo (2005) afirma que a literatura (re)configura os fatos, (re)dimensiona as experiências, oferece aos sentimentos forma e conteúdo para serem experimentados pelos sujeitos, enfim, a literatura põe suas mãos no denso núcleo da lógica e da verdade absoluta que sustenta tantos outros discursos, para depois o revirar do avesso, dilapidar a verdade e encontrar no pretensamente singular e homogêneo uma fonte latente de pluralidade e heterogeneidade. Assim sendo, este trabalho tem como prisma investigativo analisar de que maneira o fluxo narrativo de *Alice e Ulisses* (1988), de Ana Maria Machado, é interrompido temporariamente pela memória dolorida dos anos da ditadura civil-militar brasileira vividos pela escritora, à qual foi vigiada, perseguida, presa e exilada durante o regime de exceção. Para tanto, é importante salientar que nossa perspectiva não se restringe apenas em conferir mecanicamente na narrativa literária episódios relativos à vida pessoal de Machado. Vamos além e por outras veredas. Uma delas é compreender como a tessitura da memória relativa ao

¹ Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará.



regime militar vai enredando seus fios na trama literária, tornando-a cheias de elementos históricos e políticos que se amalgamam às personagens e ao próprio enredo. Nesse ponto, Pinto (1998) sublinha que as lembranças e os esquecimentos, ou seja, o substrato que compõe a memória, historicizam a matéria-prima da escrita literária, tornando-a móvel e dotada de capacidade contínua de modificação, não se fixando a um tempo único, mas movendo-se entre temporalidades distintas e dialógicas. Essa parece ser uma das muitas chaves de interpretação que abrem o romance em estudo. Nele, Alice e Ulisses vivem um romance à flor da pele em plena ditadura; e percebem, ao longo de encontros e desencontros, como o contexto político do país está recrudescido e desalentador. Em tais momentos, a voz narrativa irrompe e traz consigo reflexões sobre a estrutura e organização da censura e do autoritarismo dos militares. É importante salientar que tais considerações sobre o governo dizem muito a respeito das ações censórias impostas a escritores e artistas, entre eles a própria Ana Maria Machado na condição de sujeito que esteve lá, viveu e viu, (se) inscreveu, por meio da dicção do narrador, suas experiências e de tantos outros intelectuais e gente comum que foram perseguidos pelo regime ditatorial civil-militar e buscaram por vias diferentes enfrentar o silêncio imposto pela força da arma e da letra (leis e decretos institucionais). Sobre tal cruzada ao meio letrado, Ortiz (2014) assinala que para os militares manipular o fluxo das informações, incluindo aí o mercado de bens simbólicos, era imprescindível para coordenar as ações e estratégias do núcleo central, o Serviço de Nacional de Informações (SNI). Dentro dessa perspectiva, Ana Maria Machado e outros escritores, como Antônio Calado e José Louzeiro, fizeram do nascimento de suas obras um espaço de dúvida, de questionamento, de desconforto do próprio artista diante da palavra literária em um momento total de supressão dos direitos e liberdades civis e artísticas, conforme aponta Dalcastagnè (2005). Dessa maneira, consideramos que o nosso olhar sobre o romance de Machado deve, necessariamente, perpassar os limites das páginas, da trama e da forma, e enxergar outras leituras viáveis por meio das condições de possibilidades de encarar o fazer literário como forma de desvelar as estruturas temporais, os



acontecimentos cotidianos e a maneira pela qual pode-se narrar a história de homens e mulheres, cujas vozes foram silenciadas e as quais ainda ecoam na poeira do tempo.

PALAVRAS-CHAVE: literatura; história; ditadura; memória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DALCASTAGNÈ, Regina. O escritor brasileiro e seu espaço de resistência. Revista de crítica literária latino-americana, ano XXXI, nº 61, Lima-Hanover, 2005, p. 47-57.

MACHADO, Ana Maria. Alice e Ulisses. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1988.

_____. O trânsito da memória: Literatura e transição para a democracia no Brasil. In: Ponto de fuga: conversas sobre livros. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ORTIZ, Renato. Revisitando o tempo dos militares. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

PINTO, Júlio Pimentel. Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luis Borges. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998.

SARLO, Beatriz. Os Militares e a História. In: Paisagens Imaginárias: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.